

CIDADE ABERTA



PEDRO MAIA

Quarenta anos depois, crime continua impune

Hoje, 18 de maio de 2013, completam-se exatamente quarenta anos que a menina Araceli Cabrera Crespo, então com nove anos de idade, desapareceu depois de sair do colégio onde estudava na Praia do Suá, Vitória.

Seu corpo, já em adiantado estado de decomposição, seria encontrado sete dias depois em um matagal que então existia nos fundos do Hospital Infantil, na Praia do Canto, aproximadamente a 500 metros do local onde a garota havia sido vista com vida pela última vez.

O caso ocupou as manchetes da mídia nacional por longo tempo e foi em razão deste crime hediondo e covarde que o dia 18 de maio seria consagrado como a data dedicada à luta contra a pedofilia no Brasil.

E por conta disso muito se comentou e se escreveu a respeito deste caso brutal com um festival de informações truncadas como, por exemplo, a divulgação de que o processo sobre o caso "prescreveu quando completou vinte anos de tramitação pela justiça capixaba".

Na verdade não foi nada disso que aconteceu: o incrível processo sobre o "Caso Aracelli" chegou ao seu final em 1991 com uma sentença do então desembargador Paulo Nicola Copolillo dando conta que os autos sobre o crime era "um amontoado de mentiras, com provas forjadas, que serviram para condenar pessoas inocentes, promover políticos e avacalhar a imagem das autoridades capixabas. Uma vergonha que esperamos que não se repita neste Espírito Santo em que vivemos".

Em seguida, Copolillo anulou o processo e mandou arquivar o que havia sido montado solicitando novas investigações sobre o crime, o que nunca aconteceu.

Esta decisão do íntegro ex-desembargador, hoje gozando de merecida aposentadoria, foi prolatada em quatrocentas laudas onde foram analisadas todas as falhas e artimanhas de um inquérito policial mal feito e prenhe de interesses escusos confeccionado em uma época em que a polícia de carreira era apenas um sonho distante e os métodos de investi-

gação estavam muito longe dos procedimentos de nossos dias.

A grande farsa ficou clara na resolução do então desembargador Paulo Copolillo que, corajosamente, prolatou sua sentença baseado na razão lógica e verdadeira de que o processo sobre o assassinato da menina Araceli Cabrera Crespo, desde sua fase de inquérito, "foi sempre um "saco de gatos" orquestrado por forças ocultas onde maestros incompetentes regiam os instrumentos de acordo com os mandatórios de plantão".

O resultado da incompetência policial culminou em uma história vergonhosa onde aconteceu de tudo: vereador virou deputado, escritor de terceira faturou em cima do caso e até uma CPI foi instaurada no Legislativo Estadual, sem chegar a lugar nenhum.

Tudo montado para encobrir interesses escusos que nada tinham a ver com a elucidação do crime, que até hoje permanece em mistério pois na verdade nem se tem certeza de que o corpo encontrado nos fundos do Hospital Infantil no dia 25 de maio de 1973 seja mesmo de Araceli.

Estes fatos de triste memória aconteceram aqui na nossa Vitória e nós, na condição de repór-

ter policial, acompanhamos de perto toda este emaranhado de intrigas desde o dia em que a menina desapareceu. E estávamos presentes quando o corpo foi encontrado 7 dias depois...

Bem antes da sentença do mérito Copolillo já sabíamos que aquilo não passava de indignada farsa em torno do cadáver de uma criança assassinada.

Como se vê, ao contrário do que propalaram alguns coleguinhos, não houve "prescrição do crime" e sim uma sentença correta sobre erros praticados durante as investigações de um caso que nunca esteve nem perto de ser solucionado.

É a triste verdade!



O resultado da incompetência policial no caso Araceli culminou em uma história vergonhosa onde aconteceu de tudo